



Defesa de Espinho

SEMANÁRIO REGIONAL NACIONALISTA

À Comissão de Turismo

ESPINHO

Sábado

16

Setembro de 1972

N.º 2111

(AVENÇADO)

Redacção • Administração RUA 19 N.º 52 — ESPINHO
Telefones, 92 15 25 • 92 01 87 (Residência do Director)

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO
BENJAMIM DA COSTA DIAS

Administrador M. BRAGA DIAS
Comp. • Imp. na Tip. Espinhense — Rua 14 — Tel. 921108

Jornada para a história da Comunidade Luso-Brasileira

Brilantemente cumprida a elevada missão do Presidente Marcelo Caetano

Regressou do país Irmão, esse Brasil que é como naco de Portugal além-Atlântico, o Presidente do Conselho, Prof. Marcelo Caetano, cuja viagem resultou numa gloriosa jornada para a história da Comunidade Luso-Brasileira, levando uma mensagem de paz e fraternidade, capaz de tornar mais fortes os elos que ligam os dois países.

Exemplo de harmonia e concórdia, a Comunidade Luso-Brasileira, demonstra à evidência o

desejo dos Governos das duas Pátrias Irmãs em estreitarem, em variados sectores, os laços que unem os dois povos, para poderem bem melhor enfrentar as vicissitudes criadas por um mundo difícil, onde viver em cooperação, em amizade, em colaboração, como o fazem Portugal e Brassl, é caso muito esperádico.

Marcelo Caetano regressou e prestou mais um alto serviço à Pátria, depois de haver cumprido

uma missão elevada, tendo assistido ao encerramento das celebrações de mais um aniversário da Independência do Brasil. Todavia, em tudo ficou bem patente os propósitos dos dois governos, afinal a corroborarem a ideia de que os sentimentos dos dois povos irmãos são comuns, exigindo um esforço conjunto no sentido de se verem realizados, isto é, unir e desenvolver, cada vez mais, a Comunidade Luso-Brasileira.



4 REPÓRTER NA RUA

BREVE RETROSPECTIVA

Agora que chegamos praticamente ao final da época balnear-72, é dada a altura de analisar, sumariamente, o quanto para Espinho foi madrastra a dona C. P., no tocante à exploração do caminho de ferro, através do coração desta vila, cidade do futuro.

Está muito certo que os comboios passem em Espinho, que tragam muita gente, que levem outra tanta, que venham muitos, uns atrás dos outros, mas... mas que com todo esse movimento não embarquem quem trabalha, quem passeia e quem está em sua casa sossegado! Sim, porque as passagens de nível encerradas por longos tempos, dão, logicamente, lugar a exasperos por banda dos automobilistas, que protestam com a guarda, com quem passa nas ruas, primos os «claxons» nervosamente, em coro, um coro longo de dezenas de viaturas. Indirectamente lá estão os moradores dos prédios das redondezas a serem incomodados. A dona C. P. está-se marimbando para este espectáculo que em nada a incomoda e lá está então Espinho a ficar prejudicado com o triste obstáculo que todos repudiam vivamente.

A C. P. brinca positivamente com ricos, pobres e remediados, não há contemplanções por ninguém!

Barracos a sério, a imitar estações e cais, em pleno centro, com grande desprate! Pavimentos nas passagens de nível, irregularíssimos! Linhas suplementares acima do nível da estrada!

Ah! Os transeuntes estão sempre a tropeçar naqueles empedalhos, expondo a sua própria vida? Quem lhes dá o direito de andarem por sítios tão perigosos? Há uma passagem aérea na rua 19 «bem iluminada», «sem buracos». Portanto, por aqui, já não há perigo?

Passagens subterrâneas? Só promessas de projectos! Pontões para automóveis? Uma esperança viva, até que morra!

Ainda se apregoa, para aí, que se deve evitar a poluição e está em curso uma campanha nesse sentido! E os «bota-fogos»?

Sim, «bota-fogos» há quem lhes

chame, com propriedade, às locomotivas do Vale do Vouga. Eles lá sabem porquê. Nós cá no centro da vila, bem vemos, vomitam faúlhas que bem parece fogo de artifício da festa anual da S.ª d'Ajuda, com densas núvens de fumo que enegrecem a atmosfera. Quem nos livrará de tal malefício?

Eu sou dos que aprecia o esforço, em certos aspectos, da C. P., momentaneamente quanto à apresentação de novas unidades de material circulante, mas simultaneamente deve ser respeitada uma terra de valor turístico à escala nacional, que pretende progredir e tem uma «linha» atravessada no «coração», que precisa de viver do turismo e os turistas fogem-lhe por não os deixarem passar para a zona marítima! Valha-nos Deus! Resta-nos ao menos esperança no futuro?

MEDIDAS DE TRÂNSITO

Lê com atenção as medidas divulgadas pela Comissão Municipal de Trânsito, que tendem a melhorar sobremaneira o caos que hoje se verifica nas nossas ruas.

Será prematuro pronunciar-me sobre a nova postura, por se saber que a prática é a melhor conselheira. Contudo, apetece-me louvar a ideia da respectiva Comissão, por me parecerem pertinentes todas as medidas a adoptar e estou certo que resultarão num bom serviço para Espinho.

Esperemos que não tarde a entrada em funcionamento, assim como será oportuno, na altura própria, anunciar-se em comunicado, quais as ruas que passarão a ter sentido único e outras medidas a tomar.

Quanto aos autocarros das diversas carreiras que diariamente convergem para Espinho, é medida acertadíssima proibir-lhes a paragem sistemática na rua 10, por longos tempos. Basta que o façam apenas para a entrada e saída de passageiros.

Não ficaria mal a existência de uns abrigos cobertos, como há no Porto nos transportes colectivos, situados nos pontos cruciais de recepção de passageiros, a fim de não se sujeitarem

Continua na pág. 2

MOMENTO

Por CARLOS SÁRRIA

Falando claro: que tristeza!

Há duas semanas, relatei nas colunas deste Jornal, noutra secção, um caso VERÍDICO, passado em determinado quiosque desta santa terra. Passou-se, aliás, comigo, se bem estão recordados, os meus poucos, mas fiéis, leitores. Todavia, há quem diga que se tem passado com mais gente. Seria uma questão de perguntar. Mas, adiante. Não mencionei o nome do quiosque e, claro, ASSINEI o artigo. Como é meu timbre.

Alguém, tomou-se de dores e, publicamente, em pleno café, traíndo a minha boa fé, convidou-me para a sua mesa e, quando eu julgava tratar-se de uma amena e habitual cavaqueira, perguntou-me, correctamente, quem tinha sido o autor do escrito (???) e, perante a minha confirmativa, deu-se a ares arruaceirais, para proferir, alto e bom som, de molde a cativar as atenções da plateia, ameaças de trazer por casa.

Colhido de surpresa, deixei o sujeito vomitar os improperios, até porque, se reagisse, estava a colocar-me ao nível de arruaceirice e, quiçá, a dar-lhe importância, que não era merecedor.

Então, porquê este artigo? Sim, porquê, se não vale a pena «gastar cera com ruins defuntos»? Pelo respeito que me merecem alguns dos presentes e para não se tecerem juízos errados sobre o articulista.

Ora bem, na realidade, tudo se passou tal qual eu escrevi,

pois não tinha nem necessidade, nem interesse, de inventar. Hoje em dia, porém, é uma tristeza! As pessoas, muitas pessoas, sentem-se no pleníssimo direito de serem mal educadas, por vezes malcriadas, deselegantes, incorrectas, mesmo quando estão a servir o público, o público sustentador da casa comercial onde se empregam e lhes paga o ordenado, e vá de tratar o cliente com crises de fígadeira, logo pela manhazinha, não correspondendo às atenções, à correcção, que exige quem paga, se trata quem está além do balcão dentro desse mesmo nível.

Não é de estranhar, porém, quando ao invés de verem verberadas as atitudes de tal calibre, para uma oportuna e desejável correcção, de forma a agirem, sempre, consentaneamente, com a posição que ocupam, sentem os seus actos apadrinhados, como a dar-lhes, tristemente, força para prosseguirem.

Que tristeza!
Tristeza, também, dada a circunstância de, por vezes, cairmos na esparrela de julgarmos, e acreditarmos nas pessoas, pelas aparências primárias, substituindo a capa da hipocrisia, vestida para obterem certo apoio ou ajuda, quando precisam, sendo tudo sorrisos, salamaques, gestos de falsa amizade, de hipotética cortesia, à mistura com o aplauso pela directriz assumida na posição de articulista, isto enquanto, directa ou

indirectamente, não se lhe bole com a porta, já que aí estala o «verniz» e fica ao léu a «unha» toda cheia de defeitos, e as verdades deixarem de ser verdades.

Que tristeza!

Mas, ao mesmo tempo, que alegria, porquanto a reacção deu-me o testemunho INEQUÍVOCO de que acertei em cheio no alvo, com o DARDO DA VERDADE, da verdade que incomoda, pois, se acaso não fora como eu disse, a pessoa visada tinha de concluir que não era com ela e não fazia queixinhas, para alguém tentar a sua defesa. Há quem não aceite a verdade, se esta crítica negativamente a sua acção, sobretudo, quanto a mim, por escassez de estofo, idoneidade, carácter, numa incapacidade de assumir a responsabilidade, para depois, então, tentar uma justificação, uma desculpa, amalgamada com o propósito de uma saudável correcção de futuro.

Alegria, ainda, por a tempo poder retirar do meu ficheiro de relações humanas e arquivar, no cesto dos papéis inúteis, a ficha do sujeito que me mostra a «radiografia» completa da sua maneira de ser, do seu carácter, bem como ter-me dado a «análise» integral da sua estranha e hipócrita deferência para comigo.

Alegria, por último, no facto de, sinceramente, me saber dominar, não armando em arrua-

Continua na pág. 2

GAZETILHA

ISTO É DEMAIS!

Assaltos, raptos, sevícias,
Massacres, assassinatos...
Um turbilhão de notícias
Dos mais execrands actos,
Dia a dia mais frequentes,
Hora a hora mais sinistros,
De matanças de inocentes
A atentados a ministros,
Sequestros e seus resgates,
Tiroteios em despique
E os mais macabros dilates,
Como aquele de Munique...

Jámais, na evolução da Humanidade,
Se viu mais diabólica fereza,
Tão alto ponto de perversidade,
Tal subversão das leis da Natureza;
A Força, supre a falta de razões
E sobreleva o Direito das gentes;
Já são de pedra bruta os corações,
Núcleos letais, os cérebros doentes...
Que Mundo imundo, pleno de maldade,
De violações, físicas e morais,
Sem Justiça, sem Paz e sem Bondade...
E uma certeza só: — Isto é demais!
Quase que dá vontade de chorar!
Mas se humor negro cabo na desgraça
Destas coisas, que não são de brincar,
Que passe este ar de desolada graça:

— «Aflitos espectadores
Deste descalabro horrível:
Fujamos de ser «actores»!
Tentemos o impossível
Pra não nos vermos em talas:
Ou agimos sem demora...
... Ou temos de fazer malas,
E irmos todos embora!

Alberto Barbosa (Beka)

